

A BOTIJA DA SERRA DA RAJADA: ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA

The treasure of the Serra da Rajada: between memory and history

HELDER ALEXANDRE MEDEIROS DE MACEDO³

THIAGO STEVENNY LOPES⁴

RESUMO:

O objetivo deste ensaio é o de discutir a relação entre memória e história por meio das histórias de botijas ligadas à Serra da Rajada, situada entre os municípios de Carnaúba dos Dantas, Acari, Jardim do Seridó e Parelhas, no Seridó potiguar. No senso comum, as botijas são tesouros em forma de moedas (de ouro e prata) ou de joias que foram enterradas em lugares secretos por determinadas pessoas em eras passadas. Essas pessoas, após a morte, acabam tornando-se almas penadas e não conseguem encontrar o caminho da salvação devido terem abraçado os valores da ganância e da ambição em vida, valores que explicam o fato dos objetos terem sido escondidos nas profundezas da terra e não terem sido revelados às pessoas do seu convívio. Vagando, essas almas recorrem aos vivos através dos sonhos, que geralmente acontecem três vezes, onde solicitam que o indivíduo desenterre e usufrua da botija e, como recompensa o espírito ganha o salvo-conduto, podendo descansar em paz. A sobrevivência dessas histórias, portanto, é uma das evidências de como a relação entre o mundo natural e o sobrenatural, manifestada pela recorrência ao sonho de botija como elemento desencadeador de rememoração do passado, ainda tem importância vital para a população em apreço, sendo, assim acreditamos, um importante elemento do seu patrimônio imaterial.

PALAVRAS-CHAVE: Serra da Rajada, botijas, memória, Carnaúba dos Dantas, patrimônio imaterial

³ Mestre em História – UFRN; Doutorando em História – UFPE. Bolsista CAPES. E-mail: heldermacedox@gmail.com

⁴ Bacharel e licenciado em História – UFRN. Discente do Curso de Graduação em Geografia (EaD) - UFRN

INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio é o de discutir a relação entre memória e história por meio das histórias de botijas ligadas à Serra da Rajada, situada entre os municípios de Carnaúba dos Dantas, Acari, Jardim do Seridó e Parelhas, no Seridó potiguar. No senso comum, as botijas são tesouros em forma de moedas (de ouro e prata) ou de joias que foram enterradas em lugares secretos por determinadas pessoas em eras passadas. Essas pessoas, após a morte, acabam tornando-se almas penadas e não conseguem encontrar o caminho da salvação devido terem abraçado os valores da ganância e da ambição em vida, valores que explicam o fato dos objetos terem sido escondidos nas profundezas da terra e não terem sido revelados às pessoas do seu convívio. Vagando, essas almas recorrem aos vivos através dos sonhos, que geralmente acontecem três vezes, onde solicitam que o indivíduo desenterra e usufrua da botija e, como recompensa o espírito ganha o salvo-conduto, podendo descansar em paz.

Essa operação, que mobiliza esforços do mundo natural para modificar situações do sobrenatural, tem um preço pelo usufruto da riqueza a ser extraída do subsolo: o contemplado não deve tornar público o sonho (salvo o caso da botija ser coletiva), deve desenterrar o tesouro à meia-noite e munido de objetos sacramentais, como água benta, vela, terço e cordão de São Francisco, a fim de que possa repelir o demônio, caso ele apareça na forma de bichos ou de elementos da natureza. E, por fim, realizar anualmente uma mudança estrutural na sua residência.

O passeio por essas histórias sobre botijas foi feito por meio de memórias colhidas entre cerca de oitenta moradores de Carnaúba dos Dantas, cuja faixa etária varia de 40 a 90 anos de idade, em números redondos, sendo utilizadas diretamente na nossa análise apenas 18 que falavam sobre o tema. Essas narrativas foram colhidas no ano de 2005, sendo fontes integrantes do banco de dados do projeto “Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte” – PRONAC 043906 (MACEDO, 2005). As informações prestadas por esses narradores revelaram o fantástico e o tenebroso em relatos sobre sonhos de botijas que aconteceram em diferentes épocas. Mostraram, ainda, narrativas fantásticas e cercadas de mistério, onde, ao desejo de salvação das almas penadas – através do desentranhamento da botija do subsolo por um mortal escolhido em sonho – somava-se o medo da aparição do demônio sob formas

esquisitas, como se pretendesse, na verdade, atormentar o espírito do defunto. A sobrevivência dessas histórias, portanto, é uma das evidências de como a relação entre o mundo natural e o sobrenatural, manifestada pela recorrência ao sonho de botija como elemento desencadeador de rememoração do passado, ainda tem importância vital para a população em apreço, sendo, assim acreditamos, um importante elemento do seu patrimônio imaterial⁵.

DESENTERRANDO BOTIJAS

No sertão nordestino, um elemento que é recorrente entre a população, quando indagada acerca dos assuntos do além, é o da botija, geralmente associada a histórias que narram encantamentos de tesouros embaixo da terra. O termo botija, historicamente, recebeu diversos significados: depósito, lembrando uma caneca, em Portugal; recipientes de barro vidrado, oriundos da Holanda e da Bélgica, que também serviram como instrumentos musicais (CASCUDO, 1975, p. 165); tesouro ou dinheiro enterrado, no Brasil (CASCUDO, 1949, p. 38).

As explicações mais correntes no senso comum afirmam que, na época em que havia ausência de estabelecimentos bancários no interior do Nordeste, os donos de maior poder aquisitivo adquiriam potes de cerâmica, onde depositavam suas economias, geralmente moedas em ouro ou prata e joias. Com a falta de segurança que rondava as fazendas e sítios, em épocas onde era comum a presença de jagunços, cangaceiros e bandidos, essas pessoas mais abastadas enterravam seu dinheiro nesses potes ou em baús, resguardando-os da possibilidade do roubo. Quando morriam sem que tivessem avisado a outras pessoas acerca do “depósito” feito no subsolo, voltavam, através dos sonhos, para avisar a outrem onde tinham

⁵ O entendimento das representações nativas do passado acerca das botijas pode ser considerado um elemento do patrimônio imaterial de uma localidade considerando que este se define, a partir do preceituado no Decreto Federal 3.551/2000, como o conjunto dos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; os rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; e os mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas (DECRETO FEDERAL nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em <http://www.iphan.gov.br>. Acesso em 20 de ago. 2005).

escondido o tesouro. Esses indivíduos, assim, retornavam do além como almas penadas, que não conseguiam encontrar o caminho da salvação devido terem abraçado os valores da ganância e da ambição em vida. Vagando atormentadas numa espécie de purgatório⁶, sem poderem encontrar o destino final, essas almas penadas recorrem aos vivos, através de um sonho que, geralmente, repete-se três vezes, onde solicitam ardentemente que a pessoa presente no mundo dos vivos possa lhe dar um salvo-conduto para encontrar a paz: o desentranhamento do tesouro do subsolo.

Um dos elementos fundamentais que emergem das narrativas que tratam de botijas é o sonho, lembrado em todos os povos e épocas, ora aparecendo como aviso divino, ora como elemento sobrenatural ligado a tragédias ou maus acontecimentos. Os deuses, sobretudo nas civilizações politeístas da Antiguidade, falavam através dos sonhos por meio de figuras como os adivinhos, que chegavam a prever o futuro e assim a influenciar guerras e decisões reais. Na Bíblia, especialmente nos Livros do Pentateuco, encontramos sonhos de personagens que entraram em contato com o mundo sobrenatural, especificamente prevendo o futuro, ou ainda, relatando mensagens de Deus para os homens. Existem várias mensagens reveladas através dos sonhos, a exemplo das conhecidas predições de José, filho de Jacó, em relação ao estado de estiagem e de fartura do Egito⁷.

O fato é que o sonho e as suas predições se tornaram muito populares na contemporaneidade, sendo comum escutar, na casa ou nas ruas, pessoas afirmarem que sonhos envolvendo dentes refletem mau presságio, ou ainda que águas claras induzem felicidade e, o fogo, alegria próxima – além dos sonhos de botija que estão ligados à riqueza. Evidência de que as pessoas ainda continuam a se firmar na tentativa de traduzir os sonhos, utilizando complexos mecanismos dedutivos baseados na arguta observação da realidade e na adoção de significados transmitidos pela tradição.

O ritual da extração da botija, segundo o que comumente escutamos no senso comum, requer um esforço hercúleo do indivíduo. Os tesouros dados pelas almas do outro mundo dependem de condições, missas, orações, satisfação de

⁶ Lugar onde as almas dos que cometeram pecados leves acabam de purgar suas faltas, antes de ir para o paraíso. Cf. HOUAISS, 2001 [versão eletrônica 1.0].

⁷ BÍBLIA Sagrada, Gên. 40, 41.

dívidas e obediência a certo número de regras indispensáveis. Trabalhar à noite, ir sozinho, em silêncio, identificar o tesouro pelos sinais sucessivamente deparados, e, se arrancar o ouro, deixar uma moeda (a primeira a ser encontrada), jamais carregando tudo. Aconselham que quando o tesouro é defendido por inimigos infernais, há de se fazer um sinal de Salomão – a estrela de dois triângulos – para realizar o trabalho dentro dela, livre das investidas de Satanás⁸, furioso porque a alma dona da riqueza vai salvar-se pela boa ação do desentranhamento da botija.

Também é necessário carregar um arsenal de sacramentais como água benta, vela, terço e cordão de São Francisco, a fim de repelir as investidas do demônio que pode aparecer na forma de animais, insetos – como o marimbondo – ou de elementos da natureza. E, por fim, realizar anualmente uma mudança na estrutura de sua residência⁹. O tesouro é encontrado unicamente por quem o recebeu em sonhos e, mesmo que sejam dadas todas as indicações a outra pessoa, esta não o verá. Se faltar alguma disposição ou acontecer um erro no processo extrativo, o tesouro transformar-se-á em carvão, todos os sinais desaparecerão – ainda que seja por interrupção de gritos ou por uma oração recitada em hora errada¹⁰.

As histórias sobre botijas também se fazem presentes na literatura regional, onde desfilam aventuras e embates entre o homem e o mundo sobrenatural, além de confrontos diretos envolvendo o demônio em busca de tesouros espetaculares, que acaloram o coração dos nordestinos ansiosos por melhorar de vida. O imaginário, assim, é fonte inesgotável para Gilberto Freyre, em seu *Assombrações do Recife Velho*, onde o sociólogo analisa a presença de seres “fantásticos” e fantasmagóricos

⁸ A figura do diabo é presença constante nas narrativas sobre botijas. Os vestígios de uma intensa crença no diabo, herança de um legado cristão que remete aos tempos coloniais, estão dispersos no imaginário e revelam-se, sobretudo, na tradição oral e no folheto de cordel. A oralidade aponta expressões cotidianas que figuram sob a forma de más rogativas, pragas, apelos morais e analogias degradantes, todas elas relacionadas diretamente à figura do diabo ou aos domínios do inferno. (CAVIGNAC, 2005, p. 11)

⁹ Evidentemente, as narrativas sobre botijas variam de acordo com a época, o espaço e as pessoas que estão narrando. Essa descrição que fizemos está baseada em CASCUDO (1975 p.165) e nas narrativas colhidas em Carnaúba dos Dantas, que serão analisadas posteriormente.

¹⁰ Vejamos, a propósito, a assertiva de Luís da Câmara Cascudo, quando afirma que “Quem não for o verdadeiro dono, mesmo cavando só encontrará carvão” (CASCUDO, 1949, p. 43).

que assombravam a cidade do Recife e permaneciam presentes no imaginário local. Enfatizando os sobrados, afirmou que vários deles

(...) ganharam fama de mal-assombrados. As assombrações no Recife não têm tido menor repercussão folclórica do que as “revoluções libertárias”: a de 17, a de 24, a praieira. Ao contrário o folclore recifense talvez fale mais de assombrações do que de revoluções (FREYRE, 1974, p. 31).

Essa assertiva de Gilberto Freyre deixa clara a importância dada pelos antigos moradores do Recife em relação ao sobrenatural, sobretudo à figura do diabo, que assumia várias personalidades e aparências, como se depreende desse excerto da obra citada:

Demônios, no Brasil, disfarçados às vezes em bodes, cabras, mulas-sem-cabeça, lobisomens, boitatás, porcos, queixadas, cachorros, cães ou gatos de olhos de fogo, quibungos, papões, mãos-de-cabelo, cobras-norato, almas-de-gato, capelobos, papa-figos. Toda uma fauna infernal... (FREYRE, 1974, p. 32).

Os mistérios que se prendem à história do Recife são muitos. Segundo Freyre, sem eles o passado recifense tomaria um aspecto de história natural e pobre. Uma cidade que entre seus arredores conta com a figura do próprio diabo, permanente nas narrativas e histórias contadas pela população recifense. O autor, a propósito, lembra que a invasão dos holandeses, no Recife, trouxe muita preocupação para os moradores locais, que viam os flamengos como hereges, por praticarem o calvinismo e que, por isso, benziam-se com medo dos invasores, por acharem que eles carregavam características do demônio.

Essas antigas afirmações fomentam as discussões sobre o surgimento dessas histórias fantásticas. Gilberto Freyre nos informa acerca de uma judia perseguida pela Inquisição que acabou transformando-se em assombração após ser executada. Acompanhem os trechos a seguir:

Perseguida por agentes da Inquisição, diz-se que uma israelita de fortuna, Branca Dias, deitou a muita prata que tinha em casa em águas de Apipucos, desde então, segundo entendidos no assunto, mal assombrados. (FREYRE, 1974, p. 5)

A história canônica de Pernambuco e do próprio Recife, em tempos idos, deixou personagens impregnados em suas lendas, principalmente os holandeses

que lutaram e morreram em batalhas, fornecendo mais elementos para se confirmar a sua relação, no imaginário, com os tesouros encantados. Observemos a seguir o trecho de Gilberto Freyre que confirma essa assertiva:

Como mal-assombradas ficaram terras entre Casa Forte e o Arraial: todo um sítio onde é tradição ter aparecido durante anos a figura de um guerreiro ruivo trajado de veludo e de ouro, cabelo longo e louro como de mulher, lança em riste, cavalo a galope. Dizia-se que era o fantasma de um general holandês que caíra morto na batalha de Casa Forte (1645). (FREYRE, 1974, p. 5)

Percebemos, assim, que essa história sobrenatural do Recife, narrada e problematizada por Gilberto Freyre, descende diretamente das tradições pernambucanas ligadas à presença constante de jesuítas, judeus e holandeses nos tempos coloniais, os quais teriam deixado tesouros enterrados na cidade, denunciados por assombrações que vinham ao mundo dos vivos indicar sua localização.

SONHOS E BOTIJAS NO SERIDÓ

Esses fragmentos de memória, que guardam nuances do passado e ainda reverberam no presente, encontram-se registrados em uma coletânea de cartas escritas pelo médico Paulo Bezerra ao jornalista Woden Madruga no período de 1985 a 1999, publicada sob o título de *Cartas dos Sertões do Seridó*. Nessas *Cartas*, que relatam aspectos da história e do cotidiano do interior do Rio Grande do Norte, a partir da vivência do seu autor, encontramos um fragmento que remete a uma botija encravada na Ribeira do Acauã:

Em 1944, ano de muito inverno, lá [na fazenda Pitombeira, município de Acari-RN] morava seu genro Tobias Pires de Albuquerque (1897-1977), casado com Bertília. Leó, filha de criação, sonhou várias vezes com encurvada velhinha a lhe mostrar uma botija. O sinal, o signo-de-salomão riscado no tijolo. Na rua, Antônio Bezerra Fernandes (1886-1967), comerciante, também sonhara com a dita botija enterrada no quarto da alcova da casa grande (BEZERRA, 2000, p. 79).

A descrição feita por Paulo Bezerra retoma características observadas, de maneira geral, no senso comum, acerca desses tesouros encantados. Aponta, também, para o desengano de muitos quando, ao tentarem desencavar uma botija,

acabavam por encontrar apenas vestígios outros, a exemplo do que o memorialista anota, referindo-se da seguinte forma:

Já noite fechada, à luz de candeeiro e ao piar do caboré distante, homens de muque nos braços, sem temor de alma do outro mundo, cavaram o chão, a alavanca, dando apenas com uma lata de flandre roída pelo tempo. E nada mais. No entanto, um velho de 80 anos, morador ali, ainda conta que quatro botijas foram arrancadas no casarão abandonado (BEZERRA, 2000, p. 79).

Segundo Paulo Bezerra, uma descendente de Tobias Pires de Albuquerque, conhecida como Dalva, sonhou tempos depois com a mesma botija citada anteriormente na fazenda Pitombeira, às margens do Rio Acauã, porém, ao chegar ao local aprazado – a casa velha da fazenda –, deparou-se com um enxame de maribondos. Sinal, portanto, de que a botija não lhe pertencia ou de que a contemplada não cumprira à risca os requisitos necessários para o desentranhamento do tesouro.

Elementos como estes, que aparecem nas *Cartas* de Paulo Bezerra, são comuns num famoso romance, que recentemente foi transformado em filme, *As Pelejas de Ojuara*, da lavra do escritor Nei Leandro de Castro¹¹. Entendemos que as práticas cotidianas dos sertanejos reinventam, por meio da imaginação, as narrativas sobre o sobrenatural. Nada mais aceitável, assim, que um herói sertanejo e *cabra macho* que nada teme – nem mesmo o diabo – seja o protagonista da obra. Trata-se de *Ojuara* (anagrama de Araújo), um aventureiro que, após frustrações e humilhações em sua vida simples de homem casado, sai pelo mundo em busca de emoções e aventuras, nada temendo e combatendo a tudo e a todos sem o mínimo receio. A trama da obra passa-se no sertão, que, para Nei Leandro de Castro, é completa magia, daí o romance estar carregado de acontecimentos fantásticos, baseados no imaginário popular (CASTRO, 2006, p. 25-27).

Nos entremeios da trama, Ojuara presencia uma experiência com botija, que lhe é oferecida pelo espírito de um preto velho em uma pequena casa cheia de assombrações. Porém o destemido sertanejo não consegue alcançar de imediato o tesouro, que é cobiçado e protegido pelo demônio. Inevitavelmente acontece o embate entre este e Ojuara, que acaba saindo vitorioso. Após derrotar o diabo o

¹¹ A obra *As Pelejas de Ojuara* foi premiada pela União Brasileira de Escritores e adaptada ao cinema em 2007, com o título *O Homem que Desafiou o Diabo*.

herói sertanejo encontra a botija e usufrui da riqueza, enterrando novamente uma parte do tesouro no mesmo lugar para que pudesse recolher novamente num futuro próximo (CASTRO, 2006, p. 76-80)¹².

Em se tratando da historiografia produzida nos bancos acadêmicos em âmbito regional, o primeiro trabalho que conhecemos versando diretamente sobre o tema das botijas¹³ é a monografia de Maria do Carmo da Silva, intitulada *Botijas de história, moedas de memória: histórias de antigamente gravitando no Totoró*. Tendo a zona rural do município de Currais Novos – sobretudo o sítio Totoró – como espaço de análise, a autora parte da relação interdisciplinar entre história e imaginário, possibilitada pelas concepções historiográficas tributárias da Escola dos Annales, para desvendar os mistérios que giram em torno dos tesouros do Totoró. Utiliza, como procedimento de investigação do passado, a coleta e análise de depoimentos dos moradores antigos desse sítio, enfatizando uma história viva, capaz de exprimir sentimentos, ideias e desejos.

As narrativas dos moradores locais, dessa forma, são entendidas enquanto fontes capazes de promover uma análise do imaginário como uma *história do presente*, já que, segundo a autora,

Investigar o imaginário é, sobretudo, mobilizar todo o universo de imagens e discursos que geram símbolos socialmente construídos e cristalizados em torno do próprio mito, que, na verdade, não se constitui símbolo de uma época ou região, mas uma imagem

¹² Outro eco das tradições populares do Nordeste em relação a tesouros encantados podemos notar no livro *A botija*, da poeta Clotilde Tavares, que narra três histórias – das quais a primeira remete à aventura de Pedro Firmo, homem simples que vivia numa fazenda no interior de Minas Gerais e que parte para Recife em busca de uma botija cheia de moedas de ouro que lhe era oferecida em sonho. Infelizmente, não tivemos condições de entrar em contato com a obra.

¹³ Exceção seja feita para a dissertação de mestrado em antropologia, *Sobre botijas*, de Thiago de Oliveira Sales, entretanto, produzida apenas em 2006. A dissertação discorre sobre histórias de botijas em Pernambuco, sua análise não se diferenciando muito da que foi efetuada por Maria do Carmo da Silva. Thiago de Oliveira Sales também caracteriza as botijas como objetos pessoais que as pessoas acabavam atterrando. Segundo o autor, praticamente em todo estado de Pernambuco encontram-se histórias de botijas, narradas por moradores mais antigos, que falam de falecidos estabelecendo um vínculo espiritual com os seus tesouros, revelados aos vivos através do sonho. Vivos que, por serem *escolhidos*, tinham que passar por uma série de provações em sua jornada para descobrir o tesouro (SALES, 2006, p. 18-23).

construída e consagrada como símbolo, contraditório que se diluem por razões diferenciadas. (SILVA, 2001, p. 17).

A historiadora também atenta para a necessidade de reconstituir a história, a partir da memória, com novos olhares, fugindo de uma chamada “história oral” que diz apenas o aparente, para ir a busca de uma compreensão mais holística da realidade, passando pela utilização de ferramentas de análise como os mitos e os documentos escritos. Seu estudo sobre as botijas no Totoró, assim, tanto pelo pioneirismo, quanto pelo método de investigação empregado, serviu de fonte de inspiração para que levássemos adiante a pesquisa cujo fruto ora apresentamos.

Aproximando-se da mesma relação entre história, memória e imaginário, Julie Cavnac nos apresenta um mundo encantado obtido através da memória e oralidade – encaradas como patrimônio imaterial – tendo como recorte geográfico o município de Carnaúba dos Dantas. Segundo a antropóloga, a presença do que ela denomina de *reinos encantados* em pleno século XXI tem haver com a concentração de botijas que rodeia o território de Carnaúba dos Dantas. A oralidade, assim, aparece como expoente que nos introduz num mundo por vezes tenebroso e num tempo primordial, o do mito. A memória, por conseguinte, constitui-se enquanto patrimônio imaterial dos narradores, o qual, apesar de intangível, sobrevive, se multiplica e se atualiza com o decorrer dos anos.

Para a autora “a atuação permanente das almas é uma expressão da forma privilegiada de comunicação entre os vivos e os mortos” (CAVIGNAC, 2005, p. 6). Opinião que corrobora nosso estudo no que tange à presença do sobrenatural no mundo dos vivos, exemplificada através de sonhos onde as almas aparecem para oferecer tesouros incalculáveis, enterrados nas profundezas. A autora define, assim, a existência de uma tênue linha entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, mediada pelo sonho:

A complementaridade entre os homens e seus mortos tem como meio de comunicação o sonho, a promessa e a reza “pagadora”. O estabelecimento de um elo entre as duas ordens do universo parece ser ligado à ambigüidade das almas errantes, situando-se sempre entre a fronteira dos dois estados: o humano e a figura santa, a vida e a morte (CAVIGNAC, 2005, p. 6).

Essa ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos aparece, também, em um artigo escrito pela historiadora Maria da Paz Medeiros Dantas, *Desvendando o saber*

popular: histórias e crendices contadas pelos carnaubenses, que tomou por base narrativas orais colhidas em Carnaúba dos Dantas. A historiadora, em seu texto, narra a necessidade do auxílio dos vivos no desenterramento da botija, para que os espíritos possam descansar em paz, já que haviam ficado presos aos tesouros deixados em vida. Segundo ela, os mortos são os mediadores regulares da comunicação entre os dois mundos, pedindo para que sejam rezadas missas para o descanso de suas almas, assim como apontando os lugares que continham tesouros para os beneficiados (DANTAS, 2005, p. 301-2).

A importância da memória em função da complexidade do homem em sociedade vem tornando-se cada vez mais latente nas Ciências Humanas nos últimos anos. Os estudos preocupam-se em investigar determinados aspectos da memória coletiva, todavia, também focam suas atenções para as memórias individuais, que contribuem significativamente para o preenchimento de lacunas no campo historiográfico. Diferentes culturas caracterizam-se por manterem formas de aprendizagem diversas, lições de vida e tradições, que acabam transformando-se em memórias recheadas de conhecimentos experienciados individual e coletivamente, os quais se materializam através da oralidade. Memórias essas que não são um espelho da realidade – da forma como ela ocorreu –, sendo dotadas de esquecimentos e silêncios, reveladores do caráter seletivo das experiências de rememoração.

Esses processos de rememoração produzem “histórias de vida”, memórias individuais e coletivas que caracterizam uma sociedade, um povo e suas crenças. Evidenciando o que Jacques Le Goff comentou, em se tratando do tema: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1994, p. 477). Os indivíduos, assim, tendem a reconstituir suas experiências de vida através da rememoração do passado, ora esquecendo determinados acontecimentos, ora pondo em evidência outros, considerados especiais e dignos de nota.

Em Carnaúba dos Dantas, quando ouvimos relatos sobre botijas, são acionados elementos narrativos semelhantes aos presentes nas histórias de outras localidades. As almas penadas ou, ainda, os espíritos de antigos moradores, mesmo mortos, não conseguem descansar, sendo obrigados a “voltar” para a terra, pois ainda possuem bens materiais. Ficam presos em suas moradias por terem

escondido seus tesouros, não conseguindo, assim, *salvar* sua alma. Procuram os vivos, visitam os novos moradores para revelar segredos em sonho, assopram nos ouvidos, aparecem em vultos ou sob forma de animais. Sendo assim, a aparição dos defuntos acontece como um pedido de socorro aos vivos, já que não conseguiram completar a sua jornada. São espíritos que vagam pedindo ajuda e oferecendo riquezas, pois, pela ganância por bens materiais, ficaram ligados ao mundo terrestre. Dentro desse cenário as narrativas sobre botijas endossam um quadro fantástico e empolgante, complexo e dotado de características próprias, que marca o imaginário dos carnaubenses.

Nosso estudo segue em rumo a essas “histórias de vida”, aportando em narrativas orais colhidas com moradores de Carnaúba dos Dantas, que cresceram ouvindo histórias de botijas, de valentias e assombrações, presentes no seu cotidiano e transmitidas desde décadas, via tradição oral. Época em que a varanda das casas servia de palco para os “contadores de histórias”, pessoas que distraíam e divertiam os demais com suas narrativas sobre botijas. Fato que nos aponta para a assertiva de Maurice Halbwachs, quando afirma que “as lembranças permanecem coletivas, mesmo que tratem de situações que só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 1999, p. 30).

As informações prestadas por esses narradores – agricultores, músicos, professores, domésticas – revelam o fantástico e o tenebroso em relatos de sonhos de botijas que aconteceram em diferentes épocas, razão pela qual essa investigação não se atém a um recorte temporal fechado, mas, de forma sincrônica, problematiza o passado através das narrativas colhidas no presente. Essas narrativas nos fazem viajar por um mundo composto de “reinos encantados”, assim definidos por Julie Cavignac, onde encontramos frequentes aparições misteriosas ou demoníacas, seres sobrenaturais em contato direto com os vivos através da linha do sonho, responsável pela comunicação entre os dois mundos. As almas podem ter ações benéficas ou maléficas, porque elas tanto podem atormentar os vivos, como prestar-lhes serviços sob uma condição, a de que os mortais rezem por elas. Essa bivalência corresponde às diversas maneiras pelas quais as almas aparecem, sendo a mais comum a que se processa através dos sonhos dos vivos. Nesses sonhos as almas são visualizadas com aparências humanas ou de animais, no mais das vezes

com o desejo de busca do descanso eterno, para o que recorrem aos vivos no sentido de ajudá-las (CAVIGNAC, 2005, p. 12).

São almas penadas que vagam pagando o pecado da ganância, como se diz popularmente, o que nos faz pensar em valores patrimonialistas atrelados a valores cristãos –, recorrendo aos mortais para que esses desenterrarem os seus tesouros e usufruam, para, assim, poderem descansar em paz. Um verdadeiro arsenal cristão faz parte do material necessário ao indivíduo encarregado de desenterrar um tesouro, desde cordão de São Francisco até símbolos de Salomão – a estrela de cinco pontas –, assim como crucifixos e água benta. Representam um combate direto entre os vivos e os seres do outro mundo, sendo os primeiros aqueles que, por sua tarefa de cavar a terra, adentram simbolicamente num submundo, razão pela qual, para alguns dos narradores com quem conversamos, se trata de um combate contra o próprio demônio, representado, por vezes, na figura de homens escuros ou insetos como o marimbondo.

Os relatos sobre botijas nos oferecem o entendimento de que as almas penadas, espíritos de antigos moradores, não conseguem descansar após sua morte, sendo obrigados a voltar ao mundo dos vivos, devido a nutrirem uma ligação com sua existência terrena, já que estão presos por ainda possuem bens materiais entranhados no subsolo. Essas almas ficam ligadas ao mundo real por terem escondido os seus tesouros, não conseguindo, assim, “salvar” as suas almas – daí a razão para procurarem os vivos com o objetivo de revelarem os seus segredos através dos sonhos e, com o desenterramento dos tesouros, poderem gozar do sono eterno.

É neste vasto oceano de memórias que navegamos, mergulhando na tradição oral, marcada por uma herança colonial que modelou boa parte dos saberes e das práticas da região do Seridó, onde está situado o território de Carnaúba dos Dantas. Um encantamento cultural, usando as palavras de Julie Cavignac, baseado em um misto de tradições cristãs e patrimonialistas que entraram em conflito em determinado momento da colonização. O fato de pessoas partirem desta vida preferindo deixar enterrados os seus tesouros - a ter que passar para seus descendentes –, foi elemento que se chocou com os preceitos cristãos¹⁴. Dificuldade

¹⁴ Lembremos, a propósito, o excerto do Evangelho de Mateus, quando discorre que “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde

que impedia as almas penadas de descansarem em paz no outro mundo, obrigando-as a pedirem socorro a parentes ou a pessoas vivas. Acerca do tema, anuncia Julie Cavignac que

As representações do passado e do mundo sobrenatural fazem referência ao encantamento, categoria central no sistema cosmológico. O encantamento é um processo que revela uma vida sobrenatural, uma energia vital compartilhada por almas – humanas e animais - e pessoas. (CAVIGNAC, 2005, p. 11).

Os narradores de Carnaúba dos Dantas, assim, valendo-se dos recursos da memória, aludem aos elementos citados anteriormente e que conformam o *encantamento*: a cobiça, a morte, o sonho, a retirada do tesouro e os elementos necessários para a operação. Remetem, ainda, ao legado de riqueza deixado pelas botijas às pessoas que as desenterram, afirmando o enriquecimento de alguns indivíduos por intermédio dos tesouros subterrâneos.

SERRA DA RAJADA: ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

As experiências de vida que encontramos nos moradores de Carnaúba dos Dantas são repassadas, geração a geração, graças à tradição oral. As narrativas evocam o passado e legitimam os narradores como personagens históricos – uma história, todavia, singular, escrita no âmbito familiar, muitas vezes destoante da versão que a historiografia oficial propõe para o passado local. Observamos que a maioria dos depoentes relatam experiências próprias ou próximas a eles, como por exemplo, de parentes, que ficam grudadas na memória e são difundidas pelo mecanismo da tradição oral.

Uma vez juntando as peças deste quebra-cabeça, podemos compreender melhor o cotidiano desses moradores e uma parcela de sua forma de ver e representar o mundo. Um pouco de sua cosmogonia, portanto, onde estão mesclados elementos de tradições diversas – ou, dizendo de outra maneira, um pouco de seu patrimônio imaterial. Memórias que chegam ao presente e são

ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (BÍBLIA Sagrada, Mat 6, 21). Estaria, aí, a fonte da ideia, presente no imaginário, de que o entranhamento de riquezas no subsolo impediria o cristão de seguir para o Paraíso?

constantemente reatualizadas, para as quais dispomos de informações fornecidas por fontes documentais e pela historiografia, capazes de nos permitir lançar luzes sobre a relação entre memória e história. Referimo-nos às narrativas que remetem a um tesouro escondido na Serra da Rajada.

Inselberg¹⁵ localizado às margens da BR-427 e incrustado num ponto situado entre os municípios de Carnaúba dos Dantas, Acari, Parelhas e Jardim do Seridó, destaca-se pela sua imponência e beleza, podendo ser visto a longas distâncias pela altura monumental que possui. Formação rochosa que aparece, com frequência, nos documentos históricos que se referem ao território hoje ocupado pelo município de Carnaúba dos Dantas, mas, também, lugar-comum em narrativas que remetem a tesouros, almas e animais reluzentes que passeavam do seu cume até o de outras serras da região.

O relato a que nos referimos foi colhido com a senhora Nilda Medeiros Dantas, que os carnaubenses conheciam como *Dona Nilda*¹⁶, filha do conhecido maestro e compositor Felinto Lúcio Dantas (1898-1986) e repositório de um vasto conhecimento sobre a história de Carnaúba dos Dantas, sobretudo relacionado a lendas e fatos pitorescos. Dona Nilda nos narrou que sonhou com uma botija incrivelmente recheada de riquezas na Serra da Rajada, fato que nos chamou atenção por dois motivos. Inicialmente o fato da referência a botijas nessa serra ser também compartilhada por outros narradores, a exemplo de Maria Amélia de Jesus Santos, Rita Maria de Jesus Silva e Irene de Azevedo Cirino¹⁷. Em segundo lugar, por existirem referências documentais que evidenciam o espaço da Serra da Rajada e suas adjacências como lugar relacionado à riqueza e posse territorial. Interessamos, assim, neste capítulo, contrapor duas faces da mesma moeda, a *história vivida*, transmitida por dona Nilda, e a *história canônica*¹⁸, presente em documentos e na

¹⁵ Do alemão (“monte ilha”), é um relevo que se destaca em o seu entorno já aplainado, caracterizando-se por ser um relevo residual. Cf. Inselberg. WIKIPEDIA – A enciclopédia livre. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Inselberg>>. Acesso em: 15 maio 2008.

¹⁶ Dona Nilda Medeiros Dantas faleceu recentemente, no dia 19 de agosto de 2006.

¹⁷ Maria Amélia de Jesus Santos, nascida em 27/11/1916, em entrevista concedida no dia 05 de março de 2005; Rita Maria de Jesus Silva, nascida em 21/01/1926, em 28 de março de 2005 e Irene de Azevedo Cirino, nascida em 15/06/1933, em 28 de março de 2005.

¹⁸ Segundo Halbwachs é na história vivida que está presente a memória do indivíduo, uma herança familiar pautada já na infância. Na história canônica apresenta-nos uma sucessão

historiografia regional, na tentativa de perceber como a lógica cultural subjacente às narrativas acerca de botijas relaciona-se com o processo histórico vivido pelos habitantes da região.

Dona Nilda, em seu depoimento, descreveu uma riqueza incalculável de tesouros que estariam escondidos na Serra da Rajada e que lhe foi oferecida através de sonhos. Segundo nossa narradora o primeiro sonho aconteceu em 1964, onde um velhinho baixo – podendo ser alemão ou holandês, pois era extremamente alvo e com cabelos na mesma tonalidade, observando-se inclusive a pele avermelhada da cabeça – lhe ofertava a guarda de um tesouro na serra. Ao oferecer esse tesouro, o *espírito* do velho dialogou com nossa narradora, enfatizando a grandeza, em termos quantitativos, da botija. Nas palavras de Dona Nilda, em seu relato do sonho, afirmou que

Aí ele chegava, ele dizia: vim lhe dá uma botija, você quer? Eu dizia: quero, está lá na Serra da Rajada, mas você não faz medo não, **a riqueza que tem naquela Serra é prá cinco gerações, você, filho, neto, bisneto e tetraneto** [grifos nossos]¹⁹.

Após o diálogo entre ela e o *espírito* este afirmou que voltaria na sexta-feira seguinte para revelar mais detalhes sobre o tesouro da Rajada. Assim aconteceu: ao adormecer, na sexta-feira subsequente ao primeiro sonho, a narradora sonhou mais uma vez com o velho, com quem dialogou a fim de esclarecer maiores detalhes sobre a forma de desentranhamento da botija. No sonho ambos transportaram-se para a Serra da Rajada, em cujo sopé havia portões de pedra que se abriram e apresentaram salões escuros e repletos de riquezas. À medida que adentraram os salões secretos a luminosidade ia aparecendo, assim como os tesouros, como bem descreve a narradora:

cronológica de acontecimentos e datas, cujos livros e documentos nos apresentam em geral um quadro esquemático e incompleto. (HALBWACHS, 2004, p.64)

¹⁹ Depoimento concedido por Nilda Medeiros Dantas, nascida em 07/02/1938 (Carnaúba dos Dantas, 22 fev 2005). Segundo a depoente, uma pessoa de Cruzeta, cidade próxima a Carnaúba dos Dantas, sonhou com a mesma botija da Serra da Rajada e a procurou para saber se ela ainda lembrava das palavras ditas pelo espírito sobre a localização e os cuidados necessários para a retirada da botija. Porém, Dona Nilda relatou não lembrar mais das afirmações...

A Serra se iluminava mais do que a luz do dia, aqueles lustre muito bonito, chegava na primeira sala era aqueles baús antigos, uns baús vermelhos, cheio de pedras preciosas, era se derramando aquelas pedras, era safira, esmeralda, rubi, diamante, toda sorte de pedras preciosas²⁰.

Todavia, o tesouro não acabara ainda. Segundo Dona Nilda existiam ainda mais duas salas, uma repleta de ouro em barras, que iluminava todo o ambiente e outra onde ficava guardada a prataria que aparecia como a luz clara da lua. Algumas características observadas na narrativa de Dona Nilda repetem, com similaridade, as que foram analisadas no segundo capítulo deste estudo: o material necessário para a proteção da narradora, quando se dispusesse a retirar o tesouro, representado por uma vela benta, aconselhada pelo próprio *espírito* e a inabalável fé em Deus, que não deveria ser esquecida, pois era crucial para realização do trabalho, tanto no que se diz respeito à proteção como na ajuda em combater possíveis inimigos que se pusessem à frente da narradora.

É interessante notarmos, também, que o fenótipo do defunto que apareceu em sonho a Dona Nilda, segundo a sua descrição, corresponderia a um alemão ou a um holandês – este último, como discorremos no primeiro capítulo, elemento a quem se imputou, na tradição oral, a autoria de tesouros enterrados em diversos pontos da Capitania do Rio Grande nos tempos coloniais (CASCUDO, 1949, p. 26-27).

Dona Nilda, entretanto, nos relatou em vida que acabou contando o sonho a terceiros, o que a fez perder o controle sobre a riqueza que lhe fora oferecida. Contou-nos, também, que ainda sonhou mais uma vez com botijas, desta vez, sendo oferecidas por índios, afirmação no mínimo curiosa, considerando a inversão de papéis do ofertante do tesouro – geralmente, a julgar pelas narrativas colhidas em Carnaúba dos Dantas, um fazendeiro ou rico senhor de terras que deixava parte de seu espólio inumado nas entranhas do solo.

Não queremos afirmar, partindo desse raciocínio, que os nativos que habitavam a região antes dos colonizadores não tinham seus tesouros, todavia, reportamo-nos às botijas deixadas pelos conquistadores luso-brasílicos, em geral simbolizadas por metais e joias. Concebemos, dessa maneira, duas temporalidades através das quais se pode compreender aspectos da história da região: o *tempo da*

²⁰ Depoimento concedido por Nilda Medeiros Dantas, nascida em 07/02/1938 (Carnaúba dos Dantas, 22 fev 2005).

memória, onde alusões a índios misturam-se com relatos evocando tesouros radicados no seio da terra, e o *tempo da história*, marcado pela menção a fazendeiros detentores de rico patrimônio territorial, incluindo o próprio maciço da Rajada, ambos revelados pela análise da tradição oral, de documentos e da historiografia regional.

Iniciamos este texto com a narrativa de um sonho onde a figura de um velho punha à disposição de Dona Nilda um tesouro encravado no interior da Serra da Rajada. Perscrutando os homens e mulheres que se encarregaram da tarefa de escrever *versões* do passado local, deparamo-nos com os manuscritos²¹ de Amélia Maria de Azevêdo (1910-1988), que conhecida como Dona Melhinha, poetisa, artista plástica e cultora do passado local. Num desses manuscritos, Amélia Azevêdo relembra palavras ditas pelo seu pai, Mamede de Azevêdo Dantas²², em relação à serra sobre a qual estamos traçando comentários:

Naquela Serra da Rajada, tão bonita existe um mistério. Diziam os antigos, que alguém muito importante veio de longe, depositou um tesouro naquela Serra. Quantas e quantas pessoas não vieram até de longe procurar o tal tesouro e nunca encontraram. O tesouro da Serra da Rajada, um dia será encontrado por um Azevedo Dantas. Os anos vão se passando e os estudos vão aumentando. Então, um descendente dos Azevedo Dantas se formará e será ele quem descobrirá o mistério da Serra da Rajada²³.

²¹ O conjunto de manuscritos de Amélia Azevêdo, após sua morte, ficou em poder da sua filha, Professora Maria de Lourdes Azevêdo, que passou a guarda dos mesmos para Helder Alexandre Medeiros de Macedo, sobrinho-bisneto da primeira. Trata-se de uma pasta classificadora, cinza, já carcomida pela ação do tempo, contendo manuscritos de Amélia Azevêdo que foram datilografados pelo historiador Pedro Arbués Dantas, com inserção de informações feitas a lápis pela pintora.

²² Segundo Amélia Azevêdo, seu pai, Mamede de Azevêdo Dantas (1875-1956) era extremamente simples e ativo, detentor de várias ocupações e dotado de grande inteligência. Era um homem dotado de vários conhecimentos, acostumado ao trabalho, principalmente à agricultura e ao plantio do algodão. Gostava da arte, tendo empatia pela música, inclusive fabricando seus próprios instrumentos. Praticava ainda a carpintaria e a mecânica, além de destacar-se como inventor. Como historiador erudito deixou uma “história” de Carnaúba, escrita em 1945, que posteriormente será comentada. Cf. AZEVÊDO, Amélia Maria de. **Caderno de memórias**.

²³ AZEVÊDO, Amélia Maria de. **Caderno de memórias**.

A narrativa de Mamede Azevêdo, decodificada pelo texto escrito de sua filha, é a referência mais antiga – transmitida via tradição oral – que dispomos a respeito do tesouro da Rajada, no qual, em tom profético²⁴, o historiador enuncia a existência do cabedal dentro da serra, informando, também, que “nunca [o] encontraram”. Em um texto escrito por Mamede Azevêdo e recolhido pela filha Amélia Azevêdo – intitulado “História de Carnaúba”, escrito em 1945 – novamente a Serra da Rajada foi objeto da preocupação do historiador, porém, desta vez, como espaço de conflito entre o mundo ocidental e o mundo nativo.

No contexto da penetração da pastorícia pelo sertão do Rio Grande e dos embates com os nativos aí existentes, entre o fim do século XVII e início do seguinte, Mamede Azevêdo informou a respeito da captura de uma índia chamada de *Antonia Aliá*:

Conta uma tradição antiga, que veio uma moça do termo de Piancó [Paraíba] acompanhada de um homem muito valente, dar combate a uma aldeia de índios aqui neste lugar, mais ou menos na era de 1705. Foi provável que deram combate aos índios, deste ficou uma índia desgarrada do bando na Serra da Rajada e depois, foi a mesma pegada a casco de cavalos. Ainda hoje se fala nesta índia²⁵.

O texto de Mamede Azevêdo informa o choque entre dois universos diferentes: de um lado, o indígena, por meio da referência a um “bando” que habitava na Serra da Rajada; de outro, o dos conquistadores, interessados nos solos das ribeiras sertanejas para a finalidade da criação de gado. Em meio ao choque, o trágico extermínio dos índios que habitavam nas cercanias e, no caso dos sobreviventes, a sua captura “a casco de cavalo” – numa remissão ao uso de

²⁴ Segundo a tradição oral, Mamede Azevêdo era considerado por muitos como um profeta. Além de remeter ao tesouro da Rajada, também fez predição acerca do Monte do Galo: “O Monte do Galo, antigamente, era conhecido pelo ‘Serrote do Galo’, e isto tem sua origem. O meu avô dizia que já os seus bisavós e tetravós falavam de uma lenda muito antiga, segundo a qual, durante anos, nos tempos passados, quem passasse pelas imediações do magestoso Serrote, pela meia noite ouvia um canto de galo. Ninguém se atrevia a aproximar-se do local, cercado de matagal enorme, de urzes e espinhos. Guardei comigo aquelas palavras que ouvira muitas vezes de meus antepassados. Eles diziam: “- Aquele Serrote, como os antigos o chamavam, será um dia um lugar santo” (Mamede de Azevêdo Dantas. Sobre o Monte do Galo. In: DANTAS, 1977, p. 53).

²⁵ DANTAS, Mamede de Azevêdo. História de Carnaúba [1945]. In: AZEVÊDO, Amélia Maria de. **Caderno de Memórias**.

equinos por vaqueiros ou sesmeiros para o apresamento de índios arredios à colonização.

Essa narrativa em torno do apresamento de uma índia nas redondezas da Serra da Rajada repete-se ainda hoje, em Carnaúba dos Dantas, ora nominando-a de *Antonia*, ora de *Micaela*²⁶. Denunciadora da violência usada na empreitada de colonização das terras situadas na Ribeira do Seridó e de seus afluentes, a narrativa envolvendo a captura da indígena nos parece, por outro lado, a lembrança de que essa região tinha muitos habitantes antes da chegada dos conquistadores. Populações essas a quem foi negado, com a vitória do projeto ocidental e consequente interiorização da pecuária, o direito de manter seus próprios territórios, adorar seus deuses e até mesmo de conviver segundo seus padrões societários.

Ainda hoje, no imaginário popular dos habitantes das redondezas, a Serra da Rajada aparece como um enigma. O colosso de granito, que pode ser visto de muitos quilômetros de distância, é lembrado pela captura da índia Micaela em suas cercanias, pelas fontes d'água que existem nos seus arredores e por uma furna situada em seu cume – onde, segundo alguns, se encontraria a entrada para um *reino encantado*, repleto de tesouros²⁷.

No tempo da história, todavia, a referência mais antiga que encontramos não fala de reinos encantados e tampouco de tesouros, mas, de muito sangue e violência, numa realidade cruel como foi a das Guerras dos Bárbaros (1683-1725). Um documento do antigo Cartório de Pombal²⁸ (PB), datado de 1690, reproduz o

²⁶ Encontramos a denominação de *Antonia* para a conhecida índia da Serra da Rajada na “História” escrita por Mamede Azevêdo em 1945 e em um relato da senhora Josefa Maria de Araújo, colhido por MACEDO (2004, p. 146). A denominação de *Micaela* é mais comum, subsistindo tanto na tradição oral em Carnaúba dos Dantas quanto num relato de José de Azevêdo Dantas (1890-1929), historiador e irmão de Mamede Azevêdo, escrito em 1924 (DANTAS, José de Azevêdo. **Notícia sobre a suposta Índia Micaela**, que foi baseada no relato do Coronel Joaquim Paulino de Medeiros, conhecido como Quincó), quanto na obra de José Adelino Dantas (DANTAS, 1977, p. 11, a partir das notas genealógicas deixadas pelo Desembargador Felipe Guerra).

²⁷ Segundo Julie Cavignac, os reinos encantados são lugares misteriosos situados em serras, povoados de animais ferozes e de figuras humanas encantadas que remetem a um tempo anterior, o do mito. Portanto os reinos encantados existem de fato, pelo menos nos relatos de narradores (CAVIGNAC, 2005, p.10).

²⁸ Trata-se do documento mais antigo (1690) que conhecemos onde a Serra da Rajada, inclusive, contando com uma explicação para o seu topônimo: “e *naquela serra rajáda õde*

horror das bárbaras guerras movidas pelas forças coloniais contra os índios revoltados, sobretudo, com a expansão do pastoreio: durante quatro dias do mês de outubro de 1689 o terço do paulista Domingos Jorge Velho esteve na Serra da Rajada em combate contra o “gentio dos tapuyos janduins”, tendo obtido um espólio de mil e quinhentos índios mortos e trezentos aprisionados (MACEDO, 2004, p. 6-7)²⁹. Número avultado, mesmo para as numerosas tribos que viviam pelas ribeiras sertanejas – o que demonstra que o tempo da história, conquanto tivesse participação dos índios remanescentes do processo depopulativo acima mencionado, foi construído por sobre as ruínas de sociedades que tiveram que se submeter aos ditames do mundo ocidental-cristão.

Após o massacre de 1689, o primeiro registro escrito da Serra da Rajada está em um pedido de sesmaria efetuado pelo português Tomaz de Araújo Pereira³⁰ em 1734 ao Capitão-mor da Capitania da Paraíba. Nesse pedido o peticionário alegou que “descobrio á custa de seu trabalho um riacho chamado *Juaseiro* que nasce por detraz da serra da *Rajada*, que desagôa para o rio da *Cauhã* e faz barra na ponta da várzea do *Pico*”³¹, onde havia terras devolutas, razão pela qual pedia três léguas de comprimento e uma de largura com a finalidade de criar gados. Percebemos, dessa maneira, que o espaço onde se localiza a serra já passava por processos de territorialização, sendo motivo de pedido por parte de um colono interessado no trato com o pastoreio.

O pedido não era à toa, afinal de contas, segundo Olavo de Medeiros Filho, Tomaz de Araújo Pereira foi um dos povoadores mais antigos do Sertão do Seridó, constituindo-se em tronco genealógico de muitas famílias dos dias atuais e ter exercido cargos de natureza militar, como Capitão-mor do Regimento de Cavalaria

abêlhaz deste tipo predominão e fazem mel//”, em alusão à abelha rajada (MACEDO, 2004, p. 7).

²⁹ Segundo o teor do documento, os índios remanescentes da batalha da Serra da Rajada fugiram para o lugar chamado por eles de “queicar xuc q. significa saco do xiqexiqe” – este último, sítio localizado a leste da cidade de Carnaúba dos Dantas.

³⁰ Tomaz de Araújo Pereira, português nascido em Viana, no Minho, por volta de 1700 e já falecido na década de 1780, era casado com Maria da Conceição de Mendonça, paraibana (MEDEIROS FILHO, 1981, p. 111).

³¹ Sesmaria da Capitania da Paraíba nº 238, de 25 de maio de 1734 (TAVARES, 1982, p. 143).

de Ordenanças da Ribeira do Seridó, Capitão (1766), Comandante da Ribeira do Seridó (após 1764) e Coronel (1770) (MEDEIROS FILHO, 1981, p. 111-3). Era rico senhor de terras, tendo residido na fazenda de São Pedro dos Picos de Baixo, às margens do rio Acauã, de onde se divisava, ao longe, a Serra da Rajada.

Uma de suas filhas, Josefa de Araújo Pereira, contraiu matrimônio, na década de 50 do século XVIII com Caetano Dantas Corrêa (1710-1797), que por vinte e cinco anos exercera o ofício de vaqueiro na Ribeira do Piranhas e chegara na Ribeira do Seridó com bens acumulados. Caetano Dantas, filho de português e neto de uma índia pelo lado materno, adquiriu o sítio da Rajada a Braz Ferreira Maciel, que utilizou como campo para as lides da pastorícia. Residiu, entretanto, na fazenda dos Picos de Cima – nas vizinhanças da fazenda de São Pedro dos Picos de Baixo –, marginando o rio Acauã, lugar de onde se tinha uma vista privilegiada do maciço da Rajada. Assim como o seu sogro, exerceu cargos militares na ribeira. A princípio o de Tenente-coronel, passando a Coronel do Regimento de Milícias da Vila do Príncipe em 1793 (MEDEIROS FILHO, 1981, p. 118). Antes, em 1788, Caetano Dantas tinha requerido ao Capitão-mor da Paraíba sobras de terras “junto ao sitio da serra Rajada”³², procedimento comum no período colonial quando terras devolutas encontravam-se cercadas por propriedades já efetivamente ocupadas.

No inventário processado em 1798, em função do falecimento de Caetano Dantas no ano anterior, seu patrimônio (bens de raiz, semoventes, escravos e móveis) foi avaliado em 5:673\$340, o que equivalia naquela época, segundo Olavo de Medeiros Filho, a cerca de uma arroba de ouro (MEDEIROS FILHO, 1981, p. 121). Patrimônio esse que foi retalhado entre a viúva, Josefa de Araújo Pereira, e os quinze filhos mencionados no auto de partilha. O sítio da Rajada foi avaliado, à época, por 300\$000, tendo sido adjudicado à viúva meeira³³. As terras da Rajada eram utilizadas apenas para a criação de gado, a julgar pelo que se depreende do texto do inventário – que caracterizou o sítio como não tendo “benfeitoria alguma” e o avaliou por pouco menos da metade do valor atribuído aos Picos de Cima, propriedade onde residia Caetano Dantas e sua família, nas margens do rio Acauã.

³² Sesmaria da Capitania da Paraíba nº 897, de 12 de fevereiro de 1788 (TAVARES, 1982, p. 433).

³³ Inventário de Caetano Dantas Corrêa (1798).

Quase vinte anos à frente (1819), após a morte de Josefa de Araújo Pereira, seus herdeiros resolveram, de forma amigável, proceder à partilha dos bens da viúva.

Com o passar dos anos e a conseqüente multiplicação da prole de Caetano Dantas e Josefa de Araújo, o sítio em cujos limites encontravam-se a Serra da Rajada passou pelas mãos de diversos descendentes. Um dos trinetos de Caetano Dantas, Joaquim Paulino de Medeiros – conhecido como Coronel Quincó – foi o responsável, segundo a tradição oral, por fazer com que a Fazenda Rajada ficasse mais conhecida. Coronel Quincó (1844-1932), segundo a tradição oral, foi um dos homens mais ricos do Vale do Rio Carnaúba, tendo amealhado pecúlio, bens de raiz e semoventes durante sua vida. Casou, já quadragenário, com a sobrinha Maria Florentina de Jesus – conhecida como dona Maricota – filha do seu irmão, Antonio Galdino de Medeiros e de Ana Rosa da Conceição, fato que lhe permitiu anexar propriedades territoriais e, assim, aumentar consideravelmente seu patrimônio.

Coronel Quincó residiu em casa de morada na Fazenda Rajada, provavelmente construída no fim do século XIX, que ficou celebrizada, na memória, como epicentro de muitas vaquejadas, ferras de gado e fartura em anos de inverno. Casarão este que ainda encontra-se de pé nos dias atuais, sendo lembrado por moradores das redondezas como lugar onde estão ocultas diversas botijas. O Coronel Quincó e a Fazenda Rajada estão intimamente ligados ao processo histórico de constituição do espaço urbano de Carnaúba dos Dantas: o primeiro, além de participar da comissão responsável pela construção da Capela de São José – em torno da qual surgiram os primeiros alinhamentos de rua do Povoado Carnaúba – doou a imagem de São José para o citado templo, adquirida em Recife por 50\$000; da segunda, no dia 19 de março de 1900, partiu uma procissão conduzindo a imagem aludida para o sítio Carnaúba de Cima, onde foi abençoada, oficialmente, a Capela de São José (MACEDO, 2005, p. 59-86).

Com a bênção da capela, o sítio passou a ter o status de Povoado Carnaúba, onde, em 1913, o Coronel Quincó edificou uma casa para abrigar a família. Casa esta que, segundo a tradição oral, também é detentora de botijas escondidas por entre seus cômodos. A mesma tradição oral que denuncia a existência de tesouros indecifráveis afirma que, na época da morte do Coronel Quincó, sua invulgar fortuna estava consideravelmente reduzida. Nos autos do inventário do Coronel Quincó

(1932), entretanto, o sítio Rajada, que tinha 800 braças de extensão, 8 casas de tijolo e um açude, foi avaliado em 15:000\$000, valor muito alto para a época³⁴.

As narrativas orais sobre a Serra da Rajada, cotejadas com a documentação histórica e a produção historiográfica local, permitem-nos inferir considerações acerca do universo de pensamento dos moradores da região. A massa de informações que emerge de sonhos com botijas, comuns entre moradores de Carnaúba dos Dantas – aqui, representados pela narrativa colhida com Dona Nilda Medeiros – revela-nos um universo fantástico, místico e povoado por seres do além. Alguns que clamam por ajuda espiritual ao conclamar os vivos para desentranhar tesouros ocultos sob a terra, outros que tentam, a todo custo opor-se enquanto obstáculos para esse feito, desejosos de que a alma penada, ofertante do tesouro, continue vagando no limbo. Informações essas que poderiam parecer dispersas num primeiro olhar, mas, que são melhor compreendidas quando partimos do pressuposto apontado por Julie Cavignac a partir de suas pesquisas com tradição oral: o de que os sertanejos tendem a reelaborar a sua história através dos caminhos labirínticos da memória, ora selecionando, ora omitindo fatos e/ou personagens que tiveram papel positivo/negativo em sua ancestralidade (CAVIGNAC, 1999).

Não é coincidência, portanto, que o mesmo espaço da Serra da Rajada, integrante de sítio de criar gados desde a primeira metade do século XVIII, inclusive lembrado por proprietários conhecidos na região – a exemplo do Coronel Caetano Dantas e do Coronel Quincó –, seja também um lugar caracterizado como *reino encantado*, repleto de tesouros e de lendas que falam de índias e de carneiros de ouro passando do seu cume para o da Serra da Caiçarinha. Pode-se afirmar, a partir disto, que a tradição oral acerca da Serra da Rajada é uma reelaboração – por vezes divergente – da história oficial, onde fica evidente uma relação íntima dos narradores com uma história mestiça, mista de referências a agentes coloniais, índios e seres sobrenaturais. Elemento, portanto, do patrimônio imaterial dos narradores de Carnaúba dos Dantas.

³⁴ Inventário de Joaquim Paulino de Medeiros – 1932.

NARRADORES ENTREVISTADOS

Ana Lucas Dantas – entrevista concedida em 12 de fevereiro de 2005.

Antonio Afonso de Medeiros – entrevista concedida em 01 de fevereiro de 2005.

Antônio Januário Sobrinho – entrevista concedida em 21 de fevereiro de 2005.

Elias Carlos Dantas – entrevista concedida em 03 de março de 2005.

Francisca Medeiros – entrevista concedida em 10 de março de 2005.

Irene de Azevedo Cirino – entrevista concedida em 28 de março de 2005.

José Augusto de Azevedo – entrevista concedida em 02 de fevereiro de 2005.

José Estanislau de Medeiros – entrevista concedida em 21 de março de 2005.

Josefa Delmira Dantas – entrevista concedida em 02 de fevereiro de 2005.

Lindalva Da Costa – entrevista concedida em 21 de fevereiro de 2005.

Manoel Sabino de Medeiros – entrevista concedida em 29 de março de 2005.

Márcio Dantas de Medeiros – entrevista concedida em 21 de fevereiro de 2005.

Maria Amélia de Jesus Santos – entrevista concedida em 05 de março de 2005.

Maria Dantas – entrevista concedida em 12 de março de 2005.

Maria de Lourdes da Silva – entrevista concedida em 02 de fevereiro de 2005.

Nilda Medeiros Dantas – entrevista concedida em 22 de fevereiro de 2005.

Rita Maria de Jesus Silva – entrevista concedida em 28 de março de 2005.

Valdemar Martins da Silva – entrevista concedida em 14 de fevereiro de 2005

DOCUMENTOS

AZEVÊDO, Amélia Maria de. **Caderno de memórias**. Acervo particular de Helder Alexandre Medeiros de Macedo.

COMARCA DE ACARI. Inventário de Caetano Dantas Correia – 1798. Acervo do 1º Cartório Judiciário, Acari, RN.

COMARCA DE ACARI. Inventário de Joaquim Paulino de Medeiros – 1932. Acervo do 1º Cartório Judiciário, Acari, RN.

COMARCA DE ACARI. Partilha amigável dos bens de Josefa de Araújo Pereira – 1819. Acervo do 1º Cartório Judiciário, Acari, RN.

DANTAS, José de Azevêdo. **Notícia sobre a suposta Índia Micaela**. Nota transcrita do jornal *O Momento*, de José de Azevêdo Dantas, folha nº 51, do ano de 1924. Datilografado por Pedro Arbués Dantas, em Currais Novos, no dia 10 de agosto de 1968 Acervo Particular de Helder Alexandre Medeiros de Macedo, Carnaúba dos Dantas-RN.

DANTAS, Mamede de Azevêdo. **História de Carnaúba escrita em 1945 por Mamede de Azevêdo Dantas**. Datilografado do original por Pedro Arbués Dantas e hoje conservado por D. Maria de Lourdes Azevêdo, neta do autor.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Paulo. **Cartas dos Sertões do Seridó**. Natal: Lidador, 2000.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução da Vulgata Latina pelo Padre Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Os Holandeses no Rio Grande do Norte**. Natal: Departamento de Educação, 1949.
- CASTRO, Nei Leandro de. **As pelepas de Ojuara: o homem que desafiou o diabo**. 4.ed. São Paulo: Arx, 2006.
- CAVIGNAC, Julie Antoinette. Um mundo encantado: memória e oralidade como patrimônio imaterial. In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (org.). **Carnaúba dos Dantas, Terra da Música: inventário do patrimônio imaterial de uma cidade do sertão do Rio Grande do Norte**. Carnaúba dos Dantas: 2005. 1 CD-ROM.
- CAVIGNAC, Julie Antoinette. Vozes da tradição: reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em Antropologia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, UFRGS, v. 12, p. 245-65, 1999.
- DANTAS, José Adelino. **O coronel de milícias Caetano Dantas Correia: um inventário revelando um homem**. Natal: CERN, 1975.
- DANTAS, Maria da Paz Medeiros. Desvendando o saber popular: histórias e crendices contadas pelos carnaubenses. In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (org.). **Carnaúba dos Dantas, Terra da Música: inventário do patrimônio imaterial de uma cidade do sertão do Rio Grande do Norte**. Carnaúba dos Dantas: 2005. 1 CD-ROM.
- DECRETO FEDERAL nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em <http://www.iphan.gov.br>. Acesso em 20 de ago. 2005.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. 3.ed. Rio de Janeiro/Brasília: INL/MEC, 1974.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Edunicamp, 1994.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do Patrimônio Imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó: Netograf, 2005.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Os documentos do Cartório de Pombal-PB e sua importância para o entendimento da história colonial do sertão do Rio Grande do Norte. **Mneme** – Revista de Humanidades, v. 5, n. 12, 2004.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas Famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.

SALES, Thiago de Oliveira. **Sobre botijas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

SILVA, Maria do Carmo. **Botijas de história, moedas de memória: histórias de antigamente gravitando no Totoró**. 2001. Monografia (Especialização em História do Nordeste). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó.

TAVARES, João de Lyra. **Apontamentos para a historia territorial da Parahyba**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1982.